

# **KALUNGANO**

# **O amor natural**

# **do nosso poder**

● Entrevista de Gulamo Khan

Há pouco mais de um mês, Gulamo Khan teve oito dias para entrevistar Marcelino dos Santos, em Sofala. Oito dias que deram uma pilha de «cassetes» com oito horas de gravação de uma conversa que visou a obra poética de Kalungano, mas foi também reflexão cultural e política do país que fomos e somos.

Agora que se anuncia para breve a publicação de «Canto do Amor Natural» daquele nome marcante da nossa História recente, a «Gazeta» apresenta um pequeno excerto do que foi o diálogo entre o jornalista e poeta com o poeta e político que na década de 50, sob o pseudónimo de Liliho Micaia, se estreava em verso no «O Brado Africano». A entrevista, ela mesma, Gulamo Khan destina-se às páginas da revista «Quenguelêquêzê», órgão ainda por nascer da Associação dos Escritores Moçambicanos.

**PERGUNTA** — O poder, seja ele qual for, gosta sempre de uma literatura que o enalteça. Em Moçambique assiste-se um pouco a este fenómeno, que tem razões complexas, mas onde podemos destrinçar o desconhecimento de toda uma tradição literária nossa por parte daqueles que neste momento nascem para a Literatura. Salvo as honrosas excepções, a maioria deles têm como únicos referentes a retórica oficial e o discurso ideológico que, na sua versão de catecismo, é sempre dogmático. Por saudável ironia, muitas das personalidades que integram o nosso poder são poetas. Um poeta sabe que não há dicotomia entre literatura de exaltação e literatura crítica. A existência desta dicotomia entre nós tem vindo a criar espaços de clivagem entre aquilo que se considera uma literatura militante, e, por isso, revolucionária, e a produção que quer integrar no seu texto todo o tecido contraditório que hoje se conflictua na sociedade moçambicana.

**Como equaciona toda esta questão?**

**MARCELINO DOS SANTOS** — Eu acho que todo o poder tem gente que o enaltece. E nós podemos falar, é verdade — como estivemos falando atrás —, que não temos um conhecimento daquilo que é a nossa literatura. É uma literatura oral que precisa de ser registada. Só uma parte dela é que o está. Nós temos esse desconhecimento. Um desconhecimento que pesa naquilo que nós podemos fazer hoje.

E nós precisamos de pontos de referência. Ter uma História dá-nos pontos de referência. Conhecer a nossa literatura é também essa referência e são raízes. Bom, está bem, temos essa dificuldade. Mas vamos construir e eu penso que os poetas, os escritores, os artistas, devem contribuir para o conhecimento cada vez maior daquilo que é o nosso passado, neste caso o nosso passado literário, mesmo que se trate de uma literatura oral. Vamos trabalhar para isso. Penso que a Associação dos Escritores se deveria consagrar a isso. Nós falámos da Conferência da OMM como um grande esforço para trazer aquilo que é a nossa cultura; tínhamos no Festival de Canto e Dança, da música popular, que foram grandes momentos da nossa vida. Estão aí documentos e é preciso que os nossos artistas, os nossos músicos, os nossos coreógrafos, os nossos cantores, vão lá buscar e encontrar a nossa realidade, tirá-la, trazê-la, e a partir daí continuar a avançar — como eles estão fazendo, aliás — na produção de uma música, de uma canção, de uma dança, cada vez mais desenvolvidas. Tudo isto ajustado às exigências de um Moçambique que não será mais um Moçambique somente agrícola, que será antes um Moçambique agrícola e industrial, e é para lá que nós temos que caminhar, enquanto que caminho para o progresso.

Este é um trabalho que tem que ser feito. Mas, apesar de tudo, nós devemos ter consciência e sentimos hoje na maneira de ser do

Kalungano,  
Lilinho Micaia ou  
Marcelino dos  
Santos: três  
nomes  
para um poeta



nosso povo este enaltecer do poder. Há as inúmeras canções, as danças, esta maneira de enaltecer. Há isso na poesia que é dita, mesmo de forma cantada, mas que canta o poder. Isso significa simplesmente que na nossa tradição moçambicana existe também esta inclinação para cantar o poder, cantar os feitos do poder, os feitos dos nossos heróis. É uma realidade da nossa cultura. E isso hoje é, afinal, o retomar de uma tradição.

Mas, naturalmente, nós temos também uma tradição de criticar e penso que na nossa produção cultural vemos isso. Na nossa canção, por exemplo, vemos muitas críticas a comportamentos e realidades que se produzem hoje. São canções nossas que nem são cantadas em português. Cantar «Agora tudo é candonga», bom, estamos a criticar. Porque há uma maneira sã de criticar isso para nos acordar e sermos mais vigilantes e isso é sempre necessário. Há outra crítica, que também ouvimos nas nossas canções, às facilidades que as nossas meninas e mulheres se procuram e que não passa de prostituição. Portanto, esta tendência para a crítica também faz parte da nossa tradição. Quando vemos esta crítica não devemos pensar que ela nasceu hoje.

Quando nós estamos num novo regime, numa situação, numa República Popular de Moçambique, num Estado Popular, num Estado de operários e camponeses, nós não devemos eliminar o comportamento crítico mas uma coisa tem que ficar clara — é instituir um poder popular. Intentar contra esse poder, então

é preciso fuzilar, é preciso fuzilar com clareza e cantar o fuzilamento dos inimigos da Revolução. É preciso cantar. Quer dizer, enaltecer o poder hoje é uma coisa absolutamente natural, necessária. É o nosso poder. É o poder dos operários e camponeses — poeta, escultor, pintor, electricista, serralheiro, seja quem for, é preciso enaltecer o poder e consolidá-lo. Não há dúvidas sobre isto. Onde é que está a dúvida? E nesta maneira nossa de cantar e enaltecer o poder também podemos criticá-lo porque o poder é nosso e nós vamos criticá-lo sabendo que o que está sendo feito de errado é um desvio, não é a linha fundamental do Partido. É preciso meter isto na cabeça de toda a gente. E aí não podemos ter dúvidas senão nós vamos duvidar da revolução.

É correcto e necessário enaltecer o poder e o poeta tem a sua parte na assumption deste poder, assumi-lo, porque é realmente um poder popular. Se há uma direcção desse poder isso é uma exigência da História. Fala-se na morte do Estado mas ele ainda não morreu. Ele é o instrumento para fazer impor uma vontade de classe. O que é preciso é que cada um de nós saiba que num Estado popular tem a sua parte do comando no poder. Na nossa realidade, com a Independência Nacional, podemos ver que dia após dia nós estamos estendendo, desenvolvendo, alargando, fisicamente falando, o número daqueles que entra no assumir concreto e real do poder. (...)

## CONSTRUIR O PERFEITO

Voltando à pergunta, é preciso, pois enaltecer. Naturalmente que vão aparecer poemas que são discursos políticos no sentido do «Viva! Viva!», poemas sem força criadora, sem imaginação. Bom, admite-se, aceite. O ponto é que, mesmo em poesia, não se pode logo no principio esperar-se construir o perfeito. Mesmo quando nós queremos falar das coisas novas através daquilo que é a nossa arte, falar dos problemas, devemos aceitar que não é logo no primeiro poema que nós vamos poder falar correctamente dos nossos problemas. O colonialismo todos nós o sentimos e antes de o compreender o vivemos — a coisa entrou, era metida no sangue, na carne, estava no ar que respirávamos. Mas o socialismo estamos a construí-lo. As formas que tomam todos e cada um dos aspectos do quotidiano de uma sociedade socialista estão muitas delas ainda em embrião. Como é que o artista é capaz já de exprimir da maneira mais perfeita tudo isso, quando tudo isso está ainda em embrião? Nós queremos, desejamos, e tudo fazemos para que assim seja. Paciência, camaradas, é preciso aceitar que alguns de nós não vão logo ser perfeitos na maneira de dizer o que é novo. Nós somos um Estado mas a sociedade socialista é uma sociedade altamente organizada e nós estamos ainda aqui a combater para construir realmente

o Partido, para consolidar cada vez mais e sempre o Partido, para organizar um governo, para organizar as Assembleias do Povo, para fazer mesmo a Associação dos Escritores existir! Os nossos sindicatos estão a iniciar-se realmente agora. Temos a ONP e estamos a lutar para que ela cresça. O que é que isso significa na prática? Que a nossa sociedade ainda não é realmente socialista. Somos um Estado socialista, com uma ideologia revolucionária, um Estado de operários e camponeses, um Estado que detém o controlo da sua economia, mas a sociedade é outra coisa. É preciso ter a sensibilidade para compreender a diferença que há entre as duas coisas. Uma sociedade socialista implica um sentido de responsabilidade que ainda não temos. Por exemplo, na cidade de cimento nós temos problemas mas quem, na comissão de moradores, assume que deve limpar e conservar a sua casa e a frente da sua casa? A casa suja, o passeio e a estrada sujas, essas pequeninas coisas ... Cada um de nós deve saber qual é o seu lugar, o seu papel correcto na sociedade. A sociedade socialista significa cada um de nós estar organizado e não haver ninguém que é cabrito do mato. E se isso ainda não existe significa que muitos aspectos da realidade socialista não são facilmente visíveis, sensíveis. Se isso é assim quando a gente escrever não vai ser possível ser logo perfeito. Vamos escrever várias vezes e no processo de praticar a arte poética nós vamos aprofundando a própria poesia e a realidade que a poesia está a pegar e a transformar, assumir nós próprios, neste trabalho, a parte de comando no poder. Entanto que poetas. O poeta tem também que descobrir qual é o seu lugar quando se trata de uma sociedade socialista.

E é isto. Bom ... Não vamos falar que o discurso pode parecer dogmático. Eu diria que há discursos que são dogmáticos mas há outros que são dialécticos. De modo que vamos ter poemas — não digo poetas — que vão ser dogmáticos, outros que serão ditirâmbicos, outros que vão encontrar a medida correcta, mas não devemos ter medo, mesmo dos poemas dogmáticos. Devemos produzir, criar e corrigir-nos no processo da criação. Devemos é deixar o fluir da nossa sensibilidade, deixá-la amadurecer, desenvolver-se e corrigindo também o que achamos mais dogmático, aquilo que chamou de catecismo. Paciência. Isto também é uma sequela que a gente traz. Alguns de nós temos uma ideia concreta do que seja o catecismo. Mas as nossas crianças perguntam o que é isso. Começa a já estar no passado e «Viva!». É bom. Se quisermos podemos guardá-lo no museu. É bom, é bonito e é belo que assim seja.

(Extracto da entrevista)